



Centro de
Referência
do Futebol
Brasileiro

Relato de Campo

Gol da Várzea

Data: 16/08/2011

Entrevistados (nome/função): William Fernandes, idealizador e proprietário; Gilson Bueno do Amaral, colaborador.

Pesquisadores: Aira Bonfim e Franco Sciarra

Redatores: Aira Bonfim e Paulo Nascimento

Revisores: Nahema N. Falleiros e Vivian Brito



Resumo

O Gol da Várzea é um espaço virtual que tem por intuito levantar e divulgar, para o público em geral, a programação do universo do futebol de várzea da cidade de São Paulo. Não há um endereço físico que serve de sede para quem trabalha no site.

A entrevista com William Fernandes, idealizador e responsável pela manutenção do site, foi feita em um café de um shopping na Zona Oeste de São Paulo, em 16 de agosto de 2011, pelos pesquisadores do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB) Aira Bonfim e Franco Sciarra.

Foi por meio de uma busca na Internet sobre futebol de várzea que o site foi localizado. Os meios que divulgam o futebol amador, de várzea, em São Paulo, são dispersos e o Gol da Várzea se destaca por reunir, em um mesmo lugar virtual, informações sobre o assunto.



Relato

Inaugurado em 2009, o espaço virtual Gol da Várzea disponibiliza a programação do futebol de várzea em São Paulo¹. É possível encontrar no site informações sobre agenda dos campeonatos, diversos dados das equipes, placares das rodadas, cadastro de jogadores, fotos, vídeos, enquetes, concursos e, recentemente, a transmissão ao vivo de algumas partidas com narração e entrevistas.

O encontro dos pesquisadores do CRFB com William Fernandes, como já citado, aconteceu no Pelé Arena Café do Shopping West Plaza. Também esteve presente Gilson Bueno, principal colaborador, que além de estar envolvido com sua programação, é conselheiro de diferentes equipes de futebol de várzea da Zona Oeste de São Paulo.

Os entrevistados identificam a prática do futebol como uma possibilidade de socialização. Há brincadeiras de crianças, interação entre os adultos, observação das partidas ou jogos, música, celebrações com churrascos, etc. Assim, antes mesmo da ideia de criar um site, o futebol de várzea já era uma referência para a infância de ambos. No caso de William, sua relação com o futebol é marcada por sua vivência no bairro Freguesia do Ó, quando ele assistia aos jogos de times de várzea da região, como o Araras e o Canarinho. Ele disse ainda que jogou futebol por algum tempo e o fato de ter se machucado o fez buscar outras maneiras de envolver-se com o universo varzeano.

William é publicitário e durante o dia fica envolvido com os trabalhos de sua agência. O trabalho voltado para o futebol de várzea, praticamente voluntário, acontece nas noites dos dias de semana, fora do expediente, e aos finais de semana.

Gilson é motorista e proprietário de uma kombi. Segundo ele, sua profissão implica em transitar por diversos lugares da cidade, o que contribui para a descoberta de novos espaços de prática do futebol de várzea, bem como em conhecer pessoas envolvidas com o esporte. De acordo com Gilson, existem 62 campos de várzea distribuídos pelas regiões norte, oeste

¹ Em um primeiro momento, o site Gol da Várzea fornecia informações sobre o futebol de várzea com dados sobre os locais visitados, disponibilizados a partir de contatos feitos por William Fernandes ao longo de anos.



e noroeste de São Paulo. O colaborador também está envolvido diretamente com o Clube da Comunidade (CDC) Agostinho Vieira, na Vila Brasilândia, bairro em que nasceu e onde integra o conselho de muitas equipes de várzea, tais como Gladiadores, Alvorada, Clube Atlético, entre outros. Esse envolvimento fez dele o responsável, por alguns anos, pela programação e organização de campeonatos e festivais de futebol de várzea na região. Por conta disso, construiu um site para divulgar a várzea: o Beirada de Campo.

Em meados de 2010, Gilson uniu-se ao projeto de William para contribuir e divulgar essas práticas relacionadas ao futebol amador por meio do site Gol da Várzea. Segundo ele, o projeto é julgado por terceiros como revolucionário e até pioneiro, já que o campo de várzea é pouquíssimo divulgado e, diferentemente do futebol profissional, há grande dificuldade em se estabelecer parcerias ou patrocínios. Mas tanto Gilson quanto William comentaram, diversas vezes durante o encontro, que nada conseguem ganhar com o projeto. Ao contrário: “o dinheiro mais sai do que entra”, diz William.

Aparentemente as parcerias se estabelecem de outras formas. É possível, por exemplo, que seguidores contribuam com informações e imagens dos fatos futebolísticos do ambiente da várzea, gratuitamente. Também existe um fotógrafo que os acompanha em alguns eventos e outro colaborador, apresentado como Neri, que atua como locutor das partidas transmitidas via Internet, resultado de uma parceria estabelecida com a Rádio Mandaqui, organizada pelo mesmo. Graças a essas contribuições, o Gol da Várzea é sustentado.

Além de seu trabalho na agência de publicidade, William oferece alguns serviços na área de marketing, por meio do site, como por exemplo, a página personalizada do time de várzea pelo preço de R\$ 50,00. Outra ação diz respeito às transmissões ao vivo das partidas, quando a publicidade de algumas marcas é feita durante a narração do evento. Da arrecadação oriunda dessa oferta, 60% é destinado aos times envolvidos (sendo 30% para cada time) e os 40% restantes são direcionados à Gol da Várzea.

Outra parceria firmada foi com o Pelé Arena Café para a utilização do seu espaço na promoção de entrevistas realizadas com os times de várzeas campeões da Copa Kaiser. Os times a serem entrevistados são escolhidos por sorteio e, assim que informados do sorteio, são convidados a serem

representados por algum diretor, técnico, jogador, massagista, torcedor antigo ou atual ou qualquer pessoa que mantenha relação intensa com o time. A utilização do espaço do Café para essas entrevistas, que acontecem todas as sextas-feiras, não é cobrada. Estas são feitas a partir de um roteiro de perguntas e, tão logo realizadas, é feita sua divulgação no site. Até a ocasião da pesquisa do CRFB, três times de várzea cotejados por essa programação haviam sido entrevistados: Danúbio, Vida Loka e Boa Esperança.

Um dos projetos dos mantenedores do site é realizar um pequeno documentário para o festival *É Tudo Verdade*, formado a partir de todo esse material bruto recolhido durante um ano. Para isso, Gilson e William estavam se dedicando a editar os melhores lances de alguns jogos, bem como alguns trechos das entrevistas feitas por eles. Gilson comentou que os dois estavam colocando a “mão na massa”. Esperavam que todas as dificuldades do presente fossem superadas e que, no futuro, elas certamente os fariam rir.

A Internet é um instrumento novo, porém muito potente, segundo eles. Como exemplo, foi citado os duzentos acessos no primeiro jogo transmitido online, fato que os surpreendeu. Gilson e William também acompanham através do Google Analytics a entrada de pessoas de outros países e estados brasileiros distantes que frequentam o site. Apesar de certa precariedade do material utilizado – comparada, pelos próprios entrevistados, a um circo mambembe –, a vontade é tamanha, que os obstáculos parecem não impedir suas realizações. Até mesmo com a câmera do notebook já gravaram entrevistas.

Um dos exemplos da repercussão do trabalho no Gol da Várzea é o caso de um jogador de várzea baiano, que mora em São Paulo. Ele conseguiu informar aos familiares residentes na sua terra natal sobre o link de uma partida de futebol que havia disputado na capital paulista. Para William, um ato simples e ao mesmo tempo grandioso como esse torna gratificante o trabalho no Gol da Várzea.

Ao longo da conversa de William e Gilson com os pesquisadores do CRFB ficou clara a preferência deles pelo futebol de várzea em detrimento do profissional. Segundo os mesmos, o futebol de várzea é o verdadeiro futebol do Brasil, pois é jogado com raça, paixão, suor e, principalmente, sem que seus envolvidos ganhem nada em troca. Alguns jogadores eventualmente



ganham R\$ 50,00 ou R\$ 100,00 por partida e mesmo assim jogam pra valer. Mais do que bons jogadores, trata-se de “boas pessoas” que acreditam no futebol local e aprendem nessa espécie de “escola da vida” – dirigida por muitos e ao mesmo tempo não pertencente a ninguém.

Os entrevistados não negam, no entanto, que há uma gama de dificuldades presente nesse contexto. A primeira delas diz respeito ao deslocamento para os locais distantes uns dos outros, onde os jogadores precisam ir para, por exemplo, participar dos campeonatos. Gilson conta, com bom humor, que já viu até nove jogadores dentro de um carro a caminho de um campo de futebol para que determinada equipe pudesse participar de um jogo. Lembra ainda que, apesar da várzea apresentar pessoas de todos os tipos, raças e condições, no que tange a classe social, são principalmente pessoas das classes D e E que aparecem na maioria das disputas. Ou seja, pessoas de menor poder aquisitivo e que, por esse motivo, sofrem com a limitação dos custos que o esporte acaba gerando. Os chamados festivais ou torneios – disputas de poucos jogos com encerramento marcado para o mesmo dia ou em um curto espaço de tempo – contribuem para a perpetuação da prática do futebol de várzea sem que o orçamento de seus participantes comprometa-se.

A falta de patrocínio também foi citada por ambos como um problema do futebol de várzea. Conseguir verba para a manutenção dos espaços, divulgação de campeonatos ou mesmo formação das equipes é uma tarefa árdua, que beira o impossível. Hoje, o futebol de várzea conta com o patrocínio muito forte, porém indireto, da Kaiser que organiza o maior campeonato de futebol de várzea da cidade. Por sua vez, a Copa Kaiser acabou tornando-se referência na criação de outros torneios semelhantes, como a Copa Brahma, que oferece premiações parecidas às da Kaiser e que tem praticamente os mesmos times participantes.

Gilson disse se incomodar com a associação direta entre bebidas alcoólicas e futebol. Para além da cerveja, questionou também o fato de outros elementos caros ao futebol não serem aproveitados como fontes de patrocínio, como por exemplo, a carne do churrasco: “por que não existe Copa Perdigão ou Copa Seara?”. A presença do patrocínio de empresas ligadas a bebidas alcoólicas também é observada na Copa da Paz, campeonato sediado na comunidade de Paraisópolis, promovido pelo conhaque Dreher. Outros



campeonatos foram citados, como a Copa Pirituba, que foi lembrada como um campeonato tradicional, a Copa Milton Leite e os Jogos da Cidade, organizado pela Prefeitura, e que, apesar de não ser um campeonato glamouroso, vem a cada ano, ocupando um lugar de destaque na agenda de eventos esportivos da cidade.

William teceu alguns comentários sobre a disposição que a maioria dos times tem em contribuir para a divulgação do site Gol da Várzea. A receptividade é unânime em grande parte dos espaços por eles frequentados. A dificuldade parece estar muito mais relacionada ao fato de tentar descobrir esses locais e “pessoas da várzea”. William citou um cineasta que estava em busca de times para fazer um documentário sobre o futebol de várzea e que encontrou grandes dificuldades em suas buscas através de órgãos públicos, como secretarias de esportes e subprefeituras. Segundo ele há “momentos que nos sentimos numa ilha, mas vendo bem, é um arquipélago, cheio de parceiros em volta”.

William e Gilson também contaram que participaram do aniversário do time Dha Q Brada Futebol Clube (próximo à sede da escola de samba Rosas de Ouro), onde foram bem recebidos e, além de terem divulgado o evento no site posteriormente, saíram de lá com muitos contatos de pessoas envolvidas com outras equipes de futebol de várzea. Pessoas que sempre se surpreendem ao saberem que a divulgação das informações não vai lhes custar nada.

A especulação imobiliária foi outro assunto abordado. Gilson, que vê nela um problema, defendeu como solução a coexistência do lazer e da habitação e lembrou a quantidade de campos que deixaram de existir por conta da expansão da construção civil. Quando questionados sobre campos que eles mesmos testemunharam o desaparecimento, citaram o campo do Paulistano, da Portuguesinha e o Campo do Tiro ao Pombo². A ausência desses espaços de prática de futebol de várzea tornou-se, para Gilson, um grave problema de educação, pois a rua deixou de ser um local de lazer para as crianças. Quando os campos de várzea desaparecem perde-se uma oportunidade de ensinar as crianças a jogar bola ou mesmo a assistir os jogos dos adultos. Segundo Gilson, o Clube Escola pode apresentar resultados positivos se acompanhado de todas as necessidades que uma escola de futebol demanda, como bons professores, manutenção periódica garantida e lanche. O mesmo acontece com

² O extinto Campo do Tiro ao Pombo era um espaço de prática de tiro, no qual pombos eram os principais alvos. Quando os pássaros desapareceram, o espaço foi adaptado com duas traves e virou um campo de várzea. Hoje é um grande piscinão abandonado.

o projeto Criança Esperança, que estabelece parcerias e deixa muito a desejar na manutenção dos espaços ocupados. “Os projetos de futebol despertam interesse segundo a sua visibilidade”, diz, sendo que em alguns momentos não há coerência no modo como são concretizados em relação às promessas realizadas.

Outra constatação interessante foi a de que todo time de várzea, de acordo com Gilson, tem o perfil de seu fundador. Quando esse fundador sai, muitas vezes o time acaba ou passa por uma fase longa de queda de rendimento, para depois voltar a se restabelecer. Outro fato narrado – dessa vez, hilário – foi o da participação de times de várzea de caráter religioso. O time que serviu ao exemplo citado era comandado por um pastor da Igreja Bola de Neve. Todos os jogadores eram membros da instituição e estendiam seu comportamento religioso dentro de campo: pediam perdão quando entravam no corpo a corpo com algum jogador, não xingavam o juiz e citavam o “amor de Deus” muitas vezes durante o combate em campo.

Na ocasião, um link para o cadastro das Musas da Várzea também foi mostrado aos pesquisadores. O intuito do concurso era o de selecionar as torcedoras mais bonitas, representantes de seus respectivos times de várzea. Isso serviu de mote para que fosse dito mais sobre a atuação feminina nesses espaços de futebol. Segundo William, a várzea tem muitos times femininos jogando em campo, porém há uma dificuldade em formar campeonato entre essas mulheres. Gilson disse estar há dois anos tentando realizar um, mas, de repente, no processo de estruturação do campeonato, os times desaparecem, aparentando não serem tão organizados quanto os dos homens. O Huracan, na Vila Brasilândia, Zona Norte de São Paulo, foi citado como um time tradicional de mulheres, dirigidas pelo treinador Lula.

Gilson creditou aos estereótipos construídos sobre a figura da mulher, como a fragilidade – incompatível ao futebol –, a dificuldade em fomentar a prática feminina do esporte na cidade. Ele destacou que, ao mesmo tempo, são as mulheres que passam pelas piores dores na vida, como o parto, e por esse motivo era um absurdo associá-las a um sexo frágil. Outro estereótipo lembrado foi o da “mulher-chuteira”, mais um motivo que afastaria as mulheres do campo. Por essa razão, encontram-se muito mais mulheres torcedoras casadas e acompanhadas por filhos durante as partidas. Gilson recordou ainda algumas equipes masculinas de várzea comandadas e dirigidas por mulheres. Segundo ele, times muito bem organizados e bons de bola.

O conhecimento e a experiência de Gilson sobre futebol são frutos de

sua própria condição. Na data em que a entrevista foi realizada, Gilson atuava como conselheiro de muitos times de várzea, como citado no início do texto, e como vice-presidente da Liga do Futebol da Freguesia do Ó. Sua função como conselheiro é ajudar os times a se organizar e fazer o registro de suas equipes nos órgãos responsáveis do município a fim de torná-los aptos para reivindicar juridicamente verbas, espaços e, principalmente, participar dos campeonatos. É parte do seu trabalho propor a realização de reuniões em que atas sejam redigidas, estatutos sejam definidos e diretorias sejam criadas para a fundação dos clubes, assim como acontece com a votação de presidente e seu vice. Gilson chamou a atenção para a quantidade de pessoas analfabetas funcionais existentes no universo do futebol de várzea e como essa característica dificulta a atuação civil desses próprios grupos.

Perguntados se estão ligados diretamente a algum clube específico de várzea, William e Gilson disseram que não, justamente porque o trabalho que desenvolvem não permite essa exclusividade. Contudo, não há incompatibilidade na amizade com membros de muitos times, entre eles Danúbio, Vida Loka, Comercial, Classe A, Raízes, Beija Flor, Gladiadores, Alvorada e San Remo, a maioria localizados na Zona Oeste, onde os entrevistados cresceram e vivem até hoje.